Ano 32.º — Sábado, 20 de Maio de 1939 — N.º 1577

O DEMOCRATA

(AVENÇADO)

Semanário Republicano de Aveiro

Redacção e Administração
RUA MIGUEL BOMBARDA, 21

Composição e impressão
Tipografia Minerva Central
Rua Tenente Rezende, 12 - AVEIRO

Director e Proprietário
Arnaldo Ribeiro

Editor e administrador
Manuel Alves Ribeiro

Toda a correspondência deve ser dirigida ao director

Representação exclusiva de publicidade para Lisboa e Pôrto—Agencia Havas

O corporativismo em marcha

Na imponente manifestação publica promovida pelos Sindicatos Nacionais em 27 de Fevereiro último e na qual participaram todas as classes sociais, foi lida na mensagem entregue ao sr. dr. Oliveira Salazar que se não devia falar do corporativismo como de uma experiência, mas antes como uma realidade que era necessario engrandecer e fortificar.

Em resposta, o Presidente do Conselho disse que as Corporações seriam um facto este ano ainda e que no ano próximo, o das comemorações centenárias, se faria mais—o Primeiro Congresso das Corporações.

Com efeito, o Supremo Conselho Corporativo decidiu que este ano mesmo se constituam as primeiras seis corporações entre as quais a do Vinho, a dos Cereais, a dos Produtos Florestais, a da Pesca e Conservas, etc.

Não se póde dizer que andámos com precipitação. Temos ainda na memória o discurso que o sr. dr. Oliveioa Salazar pronunciou aos delegados do Instituto do Trabalho e Previdência Social quando êstes foram ocupar os seus postos nas capitais de distrito, após a promulgação das chamadas leis corporativas. Disse êle: «Não tenham a preocupação de fazer muito. Façam pouco, mas bem».

Esta prevenção tinha toda a razão de ser. E' que embora restassem ainda vivas algumas tradições corporativas, o sindicalismo revolucionário e outras escolas socialistas tinham-se infiltrado como ideologia no seio das massas operárias e ameaçavam lança-las no plano internacional sob as directrizes de Moscovo. Não bastava, pois, organisar Sindicatos Nacionais, Casas do Povo e Gremios Patronais, mas, antes disso, extirpar as ideias internacionalistas cuja propaganda durara quasi meio século e encaminhar as reivindicações operárias no plano nacional, levar as massas proletarias a repudiar a luta de classes e a aceitar o princípio da cooperação e o condicionamento das melhorias de situação da classe operaria conforme o desenvolvimento progressivo da nossa economia e tendo sempre em conta os interesses superiores do Estado.

Verificou-se, felizmente, que a propaganda revolucionaria internacionalista não penetrara profundamente a massa proletariana. O operariado português aceitou, sem relutancia, e até nalguns, casos com entusiasmo, a nova concepção corporativa. Causado de greves e desiludido das promessas de revolução, êle acorreu aos sindicatos e é de justiça reconhecer a sua compreensão das circunstancias, o seu agradecimento pelo que se há feito e, enfim, a sua delicação e simpatia pela obra do Governo. Não foi da parte dos operários que surgiram as maiores dificuldades. Estas vieram d'alguns sectores da classe patronal onde as tradições individualistas estavam mais vivas e tenazes.

Mas, enfim, ao cabo de mais de seis anos de esforços, os grandes obstáculos estão vencidos e o trabalho sindical parece quási concluído—excepção feita dos Grémios de Lavoura cuja organisação só agora começa.

Entramos, decididamente, no período corporativo. E neste período não marcharemos tambem com pressas. Só serão organisadas as corporações que disponham já dos organismos—bases, e estes impregnados em certo grau do espírito corporativo que opõe o solidarismo das classes ao individualismo reinante no regime liberal.

As Corporações em acção significam o desaparecimento de certos organismos burocraticos que no período de transição foram necessários ao coordenamento da produção e comercio das mercadorias. Mas com o decorrer dos anos a função das Corporações será ainda mais complexa.

J. C.

Efemérides

20 de Maio

1449—Por intrigas urdidas à sua volta, é assassinado em Alfarrobeira o infante D. Pedro.

1506—Morre Cristovam Colombo.

1861—Nasce em Vila Real de Traz-os-Montes o jornalista Alves Correia, que muito se sacrificou pela República.

1908—O Imperador da Alemanha ordena que seja desterrado o principe Frederico Guilherme, da Prussia, por se obstinar a a casar com a Condessa de Lheudorf.

O DEMOCRATA *vende-se no Quiosque da Praça Marquês de Pombal—AVEIRO.*

Procissão de Santa Joana

=x=

Realisou-se com a pompa do costume, mas—não sabemos porquê—faltam agora ás festividades religiosas — a todas — qualquer coisa, que as infriorisa, fazendo-lhes perder muito do seu brilho antigo.

Sem desejarmos pesquisar o motivo, fazemos, apenas, a reflexão para que, a tal respeito, ninguém se iluda.

O TEMPO

=o=

Ainda se não fixou definitivamente no calor. Mas para lá caminhamos.

Ou não esteja à porta o mez do S. João...

Com chave de ouro

E' êste o título do artigo que vamos transcrever do *Ihlavense* àcêrca do almoço oferecido no dia 7 ao dr. Alberto Souto. Completa-se com êle a justa homenagem prestada pela cidade e concelhos do distrito ao talentoso organisador do Cortejo Folclórico do dia 23 de Abril, que tantos engulhos causou ao *mestre* Chico pela sua imponência, bôa ordem e espírito bairrista, e dá-nos ensejo a fazer uma rectificação, por muitos títulos indispensável, como seja a de que o almoço não fechou com chave de ouro aquilo que extasiou tantos milhares de almas e fez pulsar muitos corações, mas sim com chave de platina cravejada de diamantes! E posto isto, a transcrição:

No domingo passado foi prestada, em Aveiro, ao sr. dr. Alberto Souto e aos seus cooperadores na organização do Cortejo Folclórico do dia 23 de Abril, uma significativa homenagem que foi a chave de ouro com que se fechou tão linda demonstração da actividade, da vida, dos costumes e dos vastos recursos dêste distrito.

Lá fômos assistir também, levados pela admiração que de há muitos anos nutrimos pelo ilustre estudioso, pela simpatia que temos pela sua eloqüência e pela gratidão de que nos reconhecemos devedores, com todo o povo dos 19 concelhos do distrito, pelo trabalho do distinto arqueólogo para que a representação que teve lugar nas ruas da cidade, naquele memorável dia do encerramento da Feira Exposição, resultasse tão brilhante que fêz vibrar de entusiasmo, de alegria e de emoção, mais de 100 mil pessoas que tiveram a dita de a presenciar.

O almôço oferecido no domingo passado ao sr. dr. Alberto Souto, que se realizou no Salão Municipal do Rocio e que juntou na mesma comunhão de ideas 250 comensais de diferentes sentimentos religiosos e políticos, não foi uma assembleia de materialistas que ali fossem simplesmente para comer. Podemos até afirmar que essa função foi a que menos determinou os assistentes a inscreverem-se para o banquete.

O que ali nos levou a todos foi a simpatia que irradia dêsse homem bom, culto e trabalhador de Aveiro, a quem não só o distrito, mas todo o Portugal, devem já assinalados serviços.

Viemos dali encantados por verificar que à volta do sr. dr. Alberto Souto se encontram todos os valores honrados desta encantadora região, os quais sabem fazer justiça ao seu caracter, à sua inteligência e à sua alma de eleição.

A presidir à homenagem estava um outro aveirense, ilustre entre os mais ilustres, que emprestou à linda festa a gravidade do seu porte, o esplendor da sua beleza espiritual, a grandeza da sua alma profundamente crente e profundamente tolerante. Queremos referir-nos ao sr. Arcebispo de Ossirinco, que foi nosso querido mestres como mestre foi de Alberto Souto, no, já distantes e sempre lembrados e saúdosos dias do Seminário de Coimbra.

Com o sr. Arcebispo, que teve para com o homenageado palavras sinceras e encantadoras, de amizade e justiça, estavam outros aveirenses preclaros e insignes, outros valores morais e intelectuais da cidade e do distrito, que foram levar a Alberto Souto a certeza indiscutível de que todos o apreciam, todos o distinguem, todos muito lhe querem e sabem avaliar e louvar as suas qualidades de inteligência, de actividade e de coração. Ali foram todos agradecer-lhe o cuidado e o carinho que soube dar à organização do cortejo para que êste pudesse traduzir a verdade do nosso valor e representasse, numa expressão cantante, as características etnográficas desta formosa região que se estende do mar à serra, no amor ao Trabalho e à Virtude, na consagração sublime da Terra e do Mar, na exaltação da graça, do valor e da riqueza folclórica do nosso bom Povo.

Da admiração e do reconhecimento de todos nós, falaram alto e bem, oradores distintos: dr. Jaime Duarte Silva, D. João de Lima Vidal, dr. Querubim do Vale Guimarãis, Conde de Águeda, dr. António Lebre, professor José Duarte Simão, dr. Vaz Craveiro, professor Firmino Costa. Com o coração nas mãos e o sorriso nos lábios falaram ainda tricaninhas de Aveiro e Verdemilho, rapazes dos Clubs e das Associações. Umas e outros desfilaram também a cantar, perante os assistentes, oferecendo ao homenageado lindas flores dos jardins da nossa úbere terra.

E mais ainda do que tudo isto, a coroar de ternura e emoção aquela festa, refloriu no ambiente do salão, o perfume dum beijo filial e terno que a estremecida filha do sr. dr. Alberto Souto foi dar a seu bom pai, no momento em que êle recebia do distrito a melhor consagração que êste podia dispensar a um dos seus valores. Aquele beijo foi a dedicatória mais

IMPRENSA

«JORNAL DE ALBERGARIA»

Fez 28 anos este semanario regionalista do nosso distrito, que felicitamos na pessoa do sr. Alberico Ribeiro, seu fundador e administrador.

«ARQUIVO DO DISTRITO DE AVEIRO»

Saíu o número 16, que continua a publicar coisas interessantes, que se lêem com agrado. Sobre a restauração da diocese de Aveiro notámos, porém, um lapso imperdoavel: a omissão do nome do *mestre* Chico como seu principal propugnador.

E' tão feia a ingratidão!...

«LABOR»

Atingiu a primeira centena esta revista, que os professores do nosso Liceu, drs. José Tavares e Álvaro Sampaio dirigem com notavel equilibrio.

Cem números! Quanto trabalho, persistencia, dedicação não representam!—escrevem num artigo a abrir.

Realmente, nem todos se aguentariam no balanço... Mas o que custa é que Deus agradece...

Os insulanos

Cá os tivemos, outra vez, entre nós, e com êles o organizador da excursão, nosso colega da imprensa, Ferreira de Almeida, director do *Açoreano Oriental.* Chegaram no sábado, ao fim da tarde; instalaram-se no *Arcada-Hotel,* onde se hospedam todas as pessoas categorizadas e de distinção, que sabem apreciar o confôrto e o ambiente propício aos espíritos esclarecidos, e daii irradiaram para as suas visitas, para os seus passeios através a cidade. Com todos almoçámos no domingo, gentilmente convidados por Ferreira de Almeida, sentando-se, também, a nosso lado o amigo Virgílio de Oliveira, das Caves do Barrocão, que ofereceu o *Diamante Azul* para a sobremeza. O serviço foi admirável, primoroso mesmo. Da *ementa* fizeram parte alguns pratos regionais, sempre apreciáveis, mandando os srs. Alberto Gomes e Simões Júnior, da sociedade *Scalabis,* os seus deliciosos vinhos, branco e tinto, para a completarem. Passaram-se momentos agradabilíssimos com troca de impressões e, no final, Virgílio de Oliveira, em frase burilada, disse dos seus sentimentos para com Ferreira de Almeida e das recordações que trouxe dos Açores a quando duma viagem ao arquipélago, terminando por brindar todos os presentes.

Ferreira de Almeida mostra a sua satisfação por se encontrar de novo no continente e na terra onde já conta amigos; faz uma ligeira descrição do panorama dos Açores e saúda carinhosamente a mãi Pátria, cujas belezas igualmente exalta e recomenda como dignas de serem conhecidas, e o director dêste jornal fala de Aveiro e da sua região, da qual nunca se separou pelo muito que lhes quer, embora tenha pelas viagens a maior predilecção. Cumprimenta os excursionistas, agradece a Ferreira de Almeida a honra de o sentar junto das distintas famílias presentes e pede que cada um dos seus membros se transforme em arauto dos encantos de Aveiro para estímulo de quantos ainda não atravessaram o Atlântico, vindo até nós.

Eram perto de 16 horas quando o almoço terminou e se iniciaram as despedidas, partindo a caravana para o norte cheia de satisfação pelo carinhoso acolhimento que aqui teve e de que é prova êste telegrama recebido na segunda-feira:

Braga, 15

Jornal «O Democrata»

Aveiro

Os excursionistas açoreanos, deveras encantados com as amabilidades do povo aveirense, da imprensa, do proprietário do Arcada-Hotel *e sociedades* Scalabis *e do* Barrocão, *agradecem reconhecidos.*

a) *FERREIRA DE ALMEIDA*

* * *

Ontem esteve em Aveiro outra excursão de açoreanos e madeirenses, que também se instalou no *Arcada-Hotel,* aonde chegara na véspera.

Compunha-se de perto de 50 pessoas, entre as quais algumas senhoras.

Pescadores salvos

Sete homens de Matosinhos, que, no sabado, haviam saído para a pesca do alto, perderam-se, e só terça-feira outro barco os encontrou, rebocando-os até à nossa barra.

A vida do mar!

Que de trabalhos, de perigos e de sensações ela é rodeada!

Tapou-se!

—o—

Mestre Chico já não fala no *haff* de Aveiro Tapou-se. E todavia as suas lições estavam sendo tão apreciadas, que já em Ilhavo se pensava em agradecer-lhas na altura devida...

Visto ser de Ilhavo que surgiu o *haff*...

SORTE GRANDE

Uma fracção do bilhete n.º 2570 da lotaria da Santa Casa foi a semana passada vendida nesta cidade, que, por isso, recebeu o prémio de 100 contos.

Caso raro. E nessa conformidade, sensacional sob todos os pontos de vista, sendo os contemplados os primeiros a experimentar os efeitos da bôa nova.

Parabens aos felizes!

Associação Comercial

—o—

Esta colectividade, que caminha a passos largos para a vala comum, onde vão parar todas as inutilidades, nem no dia do Cortejo Folclórico, que foi um dos grandes dias de Aveiro, nem na terça-feira passada, 16 de Maio, se dignou colocar a bandeira no mastro da sua fachada, falta que se tornou algo reparada, dando origem a comentários.

Ainda vale a pena preocuparem-se com aquilo!

Mas que coisa!

Fátima

—+—

Pessoas que foram êste ano à Cóva da Iria notaram uma deminuta connorrencia de peregrinos, pelo que não revestiram as solenidades a imponencia anteriormente observada.

Reflexos, talvez, da falta de numerario em circulação...

Feira de Paris

=o=

O Ministro do Comercio francês inaugurou-a no dia 12, sendo a sua duração até 29 do corrente. Conta 8773 expositores, porque em França, como na Belgica, como na maioria dos paises mais adiantados que o nosso, se compreende o valor do reclamo, do anúncio, da exposição, de tudo, enfim, que a mercadoria hoje precisa para conseguir espalhar-se e vender-se.

Ninguém colhe sem semear—convençam-se os srs. industriais e comerciantes desta verdade incontestavel. Pelo que devem ter sempre em vista o reclamo e o anuncio, seguidos da exposição da mercadoria quando isso seja possivel. O estranjeiro é assim que faz. Com óptimos, excelentes e proveitosos resultados.

Uma bandeira

—x—

Adquirida por subscrição pública, encontra-se exposta numa vitrine da Rua Coimbra a nova bandeira da Associação Humanitária dos Bombeiros Voluntários, que tem sido muito admirada.

E' toda em sêda, bordada a matiz e ouro pela sr.ª D. Leonilde da Velha Cardoso Pereira, de Ilhavo, tendo representada, ao centro, a Fénix com a comenda de Benemerência e as armas da cidade e em baixo as labaredas dum incendio.

A nova bandeira será inaugurada brevemente.

Teatro Aveirense

=o=

Esteve aí na semana preterita uma *companhia de revistas sintéticas,* que se apresentou com o pomposo nome de *Embaixada da Alegria.* O sucesso foi mediscre e êsse ainda obtido pelo quarteto vocal, unica coisa de pleno agrado.

Quanto ao resto — valha-nos Deus! Tudo muito pouco à altura do reclamo, quási sempre baseado em críticas que não representam a expressão da verdade.

O sinaleiro

—o—

Insistímos: na bifurcação das ruas Eça de Queiroz, do Rato, do Jardím, de Jesus e Direita devia ser colocado aquele que, fazendo serviço em frente à Praça Marquês de Pombal, de lá desapareceu após o início das obras do correio. Porque se espera? Ainda esta semana esteve por um triz o encontro de tres carros cujo choque fôra evitado por milagre.

Nós pedimos providencias. Mas se não as quizerem dar, paciência.

Bairro de Sá

—o—

Pedem-nos os moradores deste ponto da cidade que lembremos serem os seus habitantes também gente com direito à passagem do carro das regas para lhes abater... o pó da estrada.

Então pois sim. Já noutro dia solicitaram que lhes tirassem as teias de aranha que envolviam os candieiros da iluminação e foram atendidos.

Tudo o que quizerem.

O DEMOCRATA *vende-se no Quiosque da Praça Marquês de Pombal—AVEIRO*

sentida que a menina Eneida podia colocar no lindo ramalhete de rosas que ofereceu ao autor dos seus dias.

Festa de ternura, afinal, em que algumas vezes as lágrimas foram estôrvo, a mais estrondosa exteriorização.

No fim de tudo a peça oratória do verdadeiro *rouxinol do Vouga*. Não queria para êle as manifestações que ali estavam sendo tributadas. Endossava-as, inteiras, aos seus cooperadores que passou a enumerar, desde os mais categorizados, como o sr. Governador Civil e o sr. Presidente da Câmara de Aveiro, aos mais modestos e humildes.

Depois foram os agradecimentos a quantos nos concelhos trabalharam pela grandiosidade do cortejo. Por fim uma lição que acabou com um cântico fervoroso e sublime às virtudes do Povo.

Alberto Souto é, na verdade, o *rouxinol do Vouga*, pois o seu verbo eloqüente prende, extasia, entusiasma e encanta.

Assim fechou o Cortejo Folclórico de Aveiro, com brilhante parada de valores morais e intelectuais do distrito que foram gritar a Alberto Souto que esta região confia nele e espera dele mais e mais arrojadas iniciativas que marquem, na História, datas, factos e realizações que nem o tempo conseguirá apagar.

Mocidade Portuguesa

—x—

Espectáculo no Teatro Aveirense

Conforme o plano estabelecido pela M. P. de Aveiro, e já tornado público, realiza-se no dia 3 de Junho um espectáculo em benefício da patriótica instituição, fazendo parte do programa, entre outros números, um acto de variedades com a colaboração do afamado saxofonista sr. Jesus Barreto, que muito tem agradado, quer no país quer no estranjeiro, sendo acompanhado ao piano pelo conhecido pianista Lemos e à viola pelo hábil regente da banda *Guilherme Gomes Fernandes*.

Subirá à cêna uma comédia que está a ser cuidadosamente ensaiada pelo Centro da Vista Alegre. Nos centros n.º 1, Escola Comercial, e n.º 2, Liceu, estão também a ensaiar-se alguns números, que devem despertar muito interêsse pela sua originalidade.

Como complemento, será exibido um documentário sôbre a vida da M. P.

O Congresso

E' hoje, ás 19,48 horas, que os filiados da Ala de Aveiro, seleccionados nas diferentes modalidades desportivas, seguem, em comboio especial, para Lisboa, afim de tomarem parte no Congresso da M. P. que principia em 21 e termina em 28.

A nossa Ala não se poupou a esforços para dar uma colaboração brilhante em quantidade e qualidade ao 1.º Congresso, esperando obter bons resultados nas várias competições.

São em número de 52, distribuidos pelas seguintes provas: *Basket-ball*, Ricardo Campos (capitão), Jaime Lemos, Lotário Cristo, Alberto Gomes, Gastão Côrte Real, António Rebocho, Fernando Mendonça; *Orientação*, Pompeu de Oliveira, Vasco Branco, António Rebocho, António Rito, Júlio Bessa, Carlos Teixeira, João Gaioso Henriques; *Hipismo*, Adelino de Figueiredo, Adriano Carvalho, José Grijó, Jacinto Gonçalves; *Vela*, David Calão Marques (em Lusitos), Paulo Guerra Corujo, João Belo, Manuel Guerra Maia, Oliveira Senos (em sharpeys); *Natação*, Eduardo Guimarãis, José Ferreira Gamelas; *Ginástica*, uma classe composta por 26 filiados. Como suplentes a tôdas as provas vão 9 filiados.

Em ordem de serviço, foi nomeado dirigente da representação da Ala de Aveiro o sr. tenente Natividade e Silva, instrutor do centro n.º 1.

Como instrutor do Hipismo, acompanha os filiados concorrentes a esta modalidade desportiva o sr. tenente picador Toscano, de Cavalaria 8, e para comandante de tôda a representação provincial, foi escolhido o comandante de bandeira Ricardo Campos.

Paralelamente, o 1.º Congresso vai ocupar-se de temas da máxima importância para a formação moral e física da juventude, sendo numerosas as teses apresentadas.

Pela Ala de Aveiro, apresentou uma tese sôbre a 3.ª secção o sr. dr. Cerqueira de Vasconcelos, de S. João da Madeira, que irá defendê-la a Lisboa.

Êste número foi visado pela Censura

Notas Mundanas

Aniversários

Fizeram anos: no dia 12, a sr.ª D. Maria da Glória Pinto, esposa do sr. Alberto Vaz Pinto, 1.º sargento de Cavalaria 8; em 16, a interessante Maria Berta, filha do sr. Amadeu Amador, da acreditada firma Testa & Amadores, *e ontem, a sr.ª D. Luisa da Cruz Duarte Silva, esposa do sr. dr. Jaime Duarte Silva, distinto advogado na comarca.*

Fazem; hoje, a sr.ª D. Maria Júlia Lopes, esposa do nosso velho amigo José de Sousa Lopes; o inocente Joaquim Duarte, filho do sr. João Eugénio Peixinho, e o sr. Antero Alves da Cunha, 1.º sargento de Infantaria, em Lisboa; no dia 22, a sr.ª D. Leontina Pina, esposa do sr. Elias Gamelas de Oliveira Pinto, amanuense do Governo Civil, e a gentil tricaninha Maria Augusta Amaral; em 23, o sr. António Constantino de Brito, farmaceutico em Valadares, e o filho Zacarias, do sr. Francisco dos Santos Silva, residente no Rio de Janeiro (E. U. do Brasil) e em 24, a galante Maria Helena e o menino Fernando Basilio, filhos, respectivamente, dos srs. dr. António Simões de Pinho, advogado na comarca, e alferes Alberto Exposto, residente em Algés.

Partidas e Chegadas

Estiveram nesta cidade os srs. Joaquim Huet e Silva, aspirante de Finanças em Ponte do Lima; João da Cruz Novo, furriel-aviador em Alverca; dr. Ernesto Carrão, médico na Murtosa; Augusto Lopes e familia, de Coimbra, e, de passagem, o sr. Eugénio Pinheiro de Almeida, comerciante em Viana do Castelo.

—Vindo do Congo Belga chegou esta semana a Aveiro, acompanhado de sua esposa e filhos, o nosso assinante sr. António Nunes Freire a quem apresentamos cumprimentos de bôas-vindas.

Doentes

Tem obtido algumas melhoras o nosso velho amigo José Prat, que já ante ontem saiu do Hospital, onde esteve internado.

— No Porto, onde se encontra actualmente, nao tem melhorado a sr.ª D. Angélica Moreira Trindade, esposa do sr. João Trindade.

CARTA DE LISBOA

18 de Maio de 1939

Salazar e o Exército

A propósito do 3.º aniversário da investidura de Salazar como ministro da Guerra, o Exército português, representado por algumas das suas mais qualificadas e ilustres figuras, prestou ao Chefe do Govêrno uma significativa e grandiosa homenagem de aplauso.

De novo o Exército afirmou estar unido como um só homem, uma só fôrça e uma só vontade à volta daquele que é o seu chefe prestigioso.

De resto nem se compreenderia que assim não fôsse.

O Exército se atravessa, presentemente, um período de franco e evidente progresso, deve-o única e exclusivamente a Salazar.

Foi Salazar quem, já como ministro da Guerra fêz publicar em 1937 os três diplomas fundamentais das instituições militares: as leis de reorganização geral do Exército, do recrutamento e do serviço militar e dos quadros e efectivos.

Alem disso foi Salazar quem inscreveu em orçamento as verbas necessárias para o rearmamento do Exército.

Foi, graças a Salazar, que o problema da defesa nacional passou a ser olhado com o maior carinho e o mais desvelado cuidado.

O Exército deve, pois, ao seu ministro da Guerra especial agradecimento.

Daí o compreender-se fàcilmente a grande manifestação que os nossos oficiais tributaram há pouco ao homem que, depois de salvar o País, olhou com tamanho interêsse para o problema militar durante anos e anos tão descurado e abandonado.

O aniversario da Revolução

Tudo indica que as festas comemorativas do 13.º aniversário da Revolução Nacional revistam, em Lisboa, como em todo o País, excepcional brilhantismo.

Entende-se, de resto, que assim seja. O 28 de Maio, sendo uma data de Paz, marca o início duma nova e próspera era.

Foi em virtude da Revolução Nacional de 28 de Maio que Portugal pôde reencontrar o seu destino histórico, pôde, de novo, regressar ao caminho perdido da sua História e da sua Tradição.

O 28 de Maio marca, pois, o início duma nova vida. Evidentemente tão glorioso facto não pode nunca passar despercebido aos portugueses que, amantes da sua Pátria, se não cansam de exaltar os benefícios provindos da arrancada gloriosa do Exército português que, na hora do perigo, soube, mais uma vez, salvar a Nação.

Afirmação consoladora

Falando, há pouco, na Golegã, o sr. ministro da Agricultura referíu-se ao progresso marcante e iniludível da nossa vida agrícola e declarou que era com o maior prazer que verificava produzir hoje, Portugal, todos os géneros agrícolas de que necessita.

Afirmação sobremodo consoladora por tudo e até porque corresponde à mais indiscutível verdade, ela só foi possível depois da actuação, da obra do Estado Novo. Sem essa acção que tanta e tanta vez se tem expressado na mais inteligente e decidida protecção à lavoura, jámais teria sido possível fazer alguém a afirmação agora com tanta verdade proferida pelo sr. dr. Rafael Duque.

Produzimos hoje todos os géneros agrícolas de que necessitamos. Mas, conseguimos tal porque temos sabido proteger a lavoura, dando-lhe meios de desenvolvimento e progresso, que ela nunca tivera.

Por isso êste resultado é obra exclusiva do Estado Novo.

GIL DO SUL

Um apêlo

A Ala Infante Santo, de Aveiro, tem os seus filiados distribuidos por 12 Centros de Instrução, nos quais se praticam todas as actividades, dêsde as de ordem doutrinária e espiritual até às dos exercícios físicos, como desportos, ginástica e instrução pré-militar.

Caracterisada pelo seu uniforme próprio, os rapazes, quando revestidos da dignidade da farda, aprumam-se e tornam-se marciais, mas os pobres aqueles cuja família não possue os recursos próprios, não podem adquiri-la.

E' dever da Ala de Aveiro recorrer a todos os meios para que a nenhum filiado deixe de se satisfazer a maior das suas ambições—ter uma farda.

O Sub-Delegado Regional, animado do mais veemente desejo de fardar todos os rapazes pobres, filiados na M. P. tem feito circular às entidades oficiais e a particulares pedidos de donativos para constituir um fundo destinado à compra de fardamentos.

Bastantes auxílios se têm lá registado e designadamente os das Câmaras Municipais de Aveiro com 1.000$00, Murtosa 300$, Estarreja 200$00, Ilhavo 100$00, Conde Dias Garcia, 1.200000, angariado pelo Director do Centro de S. João da Madeira, 515$00, pelos filiados do Centro de Estarreja, 300$00, do Centro da Murtosa, 105$00, de Manuel Maria Mónica, 200$00 anualmente, de diversas firmas comerciais do Porto e Lisboa 452$00, do fabricante de lanifícios da Covilhã, Mário Antunes, pano para fardamento para um filiado, etc.

Embora a totalidade destes donativos seja apreciavel, está ainda muito longe de satisfazer ás necessidades da Ala, que abrange todo o distrito e que conta grande número de filiados pobres, especialmente no Asilo Escola Distrital, Escola Industrial Fernando Caldeira e Escolas Primárias.

Solicita, então, o Sub-Delegado Regional, capitão Firmino da Silva, das entidades a quem dirigiu o seu apêlo o favôr de responderem à circular, enviando os seus donativos para o Quartel da G. N. R. em Aveiro, certo de que, inspirados pela simpatia que a todos merece esta tão patriótica organisação, as suas benemerencias tornarão realidade o que é impossivel sem o auxílio dos bons portugueses.

A LIÇÃO DE AVEIRO

Continuamos a registar as referências da Imprensa ao cortejo de 23 de Abril que tão longe tem levado o nome da nossa terra, deixando a perder-se no espaço o piar das corujas, pelo que cabe hoje a vez ao *Jornal de Notícias*, do Porto, cuja reportagem foi precedida do seguinte e honroso comentário:

Aveiro viveu ontem um dia magnifico. Um dia luminoso e glorioso—um dia que não esquecerá tam cedo, um dia que ficará a lembrar todos os dias do ano. Viveu-o—com o corpo e com a alma. Mais com a alma do que com o corpo.

Não foi apenas Aveiro, a cidade, que sentiu, que viveu, que experimentou a sagrada emoção dessas horas altas. Foram todos os concelhos do distrito, todos—Agueda, Albergaria-a-Velha, Anadia, Arouca, Ilhavo, Espinho, Mealhada, Oliveira do Bairro, Ovar, Estarreja, Vagos, Sever do Vouga. A apoteose da cidade refletiu-se nos concelhos. A apoteose vibrante dos concelhos refletiu-se, nobre, alevantadamente, na cidade.

Não poderia a Exposição-Feira ter remate mais digno—e mais belo. A Feira das mais antigas de Portugal. remoçou. Criou novos alentos, novas forças, Progrediu—civilizou-se. Tornou-se um forte motivo de atracção—um in gável valor comercial, artistico e turistico.

. . . .

Querer é poder—e Aveiro quiz. Quiz—e pôde.

Sob um sol magnifico—o cortejo folclórico percorreu, entre palmas carinhosas e saudações entusiasticas, a maior parte da cidade. Vimo-lo à saida do Parque Municipal, onde se formara, e, pouco depois, quási em frente ao Rossio—onde a multidão, densíssima, formava avalanchas. Ondas de povo—onda atraz de onda. Seguimo-lo pela Avenida dos Combatentes da Grande Guerra—do alto das sacadas do *Arcada Hotel*, um hotel que honra a cidade, que dignifica o país. Mas, para melhor o sentir, para melhor o viver, para melhor o compreender—descemos à rua, acompanhámo-lo, seguimo-lo passo a passo, filhos do povo, irmãos do povo, jornalistas, reporters do povo. E foi na Avenida Central—o *hall* aparatoso e grandioso de Aveiro—que lhe apreêndemos toda a radiante, toda a fulgurante belesa. Cortejo folclórico, cortejo etnográfico, cortejo do trabalho, cortejo dos descantes e das bailatas, magnifico cortejo sintese dum distrito dos mais laboriosos de Portugal! Página grande, página forte, página que fica, hora de uma hora, dia de um dia que Aveiro jàmais esquecerá—que Aveiro lembrará todos os dias!

⁂

Vimos o cortejo—vimos o belo carro de honra da cidade, projecto, realisação de José de Pinho, tributo de Aveiro ao Distrito, síntese do esforço colectivo—prodigioso esforço de todos os concelhos. A prôa do moliceiro estilisado vincava-se na maciesa da luz translucida. A aguia heraldica do dragão citadino pairava alto—parecendo cortar os ares, desferir vôo. A vela do navio, toda em verde—vibrava ao sol. Os escudos dos concelhos falavam pelo povo—pela gratidão imperecivel de Aveiro.

Vimos o cortejo—sim, vimo-lo todo, do primeiro ao último carro, da primeira à última alma.

Falámos aos ceifeiros da Aguada de Baixo, aos fundidores de Albergaria-a-Velha, aos vindimadores de Aguim, aos mineiros escuros de Arouca, ás varinas e pescadores de Espinho—que vidas! que tragédias!—aos pescadores de bacalhau de Ilhavo, de oleados fortes e suestes Romanos, aos romeiros da Senhora da Saúde, aos secadores da Gafanha, aos forneiros e ceramicos da Pampilhosa, ás lavadeiras de Oliveira do Bairro—«A nossa riquesa é o trabalho!» diz-se lá—aos jornaleiros de Esmoriz, Arada, Cortegaça e Valega, ás ceifeiras de Maceda, aos homens de Estarreja—«terra de pão»—aos serranos do Arestal—de faxas e lenços vermelhos—ás camarinheiras de Vagos—carinhosamente conduzidas pelo seu vereador António Dionísio—aos mineiros do Pejão, ás tecedeiras e ao soleiros de Aradas, ás hortaliceiras de Verdemilho—e aos rústicos e viris marnotos, escravos da água e escravos das salinas, e assim mesmo alegres, prontos a cantar, prontos a rezar.

Vimo-los, ouvimo-los a todos! Assistimos ao desfile das tricanas, à longa teoria dos seus trajes castos e romanticos que, para bem de todos, deveriam ressurgir. Vimos, ouvimos todos os que cantavam e os que choravam, os que cantando e chorando faziam brotar riqueza das suas mãos calejadas e benditas. Que o cortejo de ontem foi, entre canticos e bençãos, a sagrada aleluia do Trabalho. Não era um cortejo, não era; não foi um cortejo de onumias e de alegorias—era, foi um cortejo com sangue e nervos, com corpo e alma.

Por isso quando, entre apertões gigantescos, tomamos o pachorrento «tramway» que, pejado de lés a lés, nos deixou no Porto meia noite dada—a notícia não nos assustou. Tam pouco a hora tardia em que a começamos. Mentalmente—estava feita. Tinhamo-la vivido. A nossa tarefa a pouco se limitava—traduzir o que o coração sentira, o que sentira a cidade maravilhosa.

Foi o que fizemos.

Da *Acção Nacional*, de Anadia, sob o título—**Manifestação de trabalho e belêsa:**

«Pela larga e variada representação de todos os concelhos do distrito, e aproveitadas em cada um deles as modalidades de trabalho, na sua fisionomia agricola e industrial, como ainda as notas vincantes dum regionalismo que mantem á margem da estandardisação os seus trajes e costumes, o cortejo foi verdadeiramente grandioso, impressionante, cheio de vida e de côr, a cada passo renovadas pela inserção tipica das diferentes representações.

. . . .

A concentração em cortejo bem ordenado das manifestações do trabalho e beleza garrida das coisas e gentes do nosso distrito, foi simplesmente magnifica. Os nossos olhos não se cansaram de ver, embora estivessemos a pé quedo, ao sol, mais de duas horas, sempre curiosos, sempre anotando coisas que não conheciamos, que eram autenticas novidades. E porque vimos, louvamos sem reserva esta consagração do trabalho e dos costumes tipicos mas já quasi esquecidos de todos nós.

Do cortejo, em combinação bem concertada, irradiavam a graça dos carros alegóricos, artisticamente trabalhados, a afirmação de fôrça, que pela inteligencia do homem desventra a terra para semear o pão como para extrair os elementos duros e informes que depois transforma e modela como plasmador de beleza e a nota viva, de encantamento e sonho, que nesta fita caleidoscopada pertenceu aos pares e grupos que se entrajaram á moda da sua terra de epocas que já lá vão. Tambem a nossa terra esteve devida e magnificamente representada.

Ora foi para ver isto que raramente se vê, que Aveiro se encheu de gente, de lés a lés e que durante horas se manteve de pé, curiosa e encantada. A cidade teve o seu dia de triunfo pleno que orgulhosamente pode recordar.

Da *Defêsa de Arouca*:

O encerramento da Feira de Março, tradicional mercado que actualmente se realisa na pitoresca e tipica cidade de Aveiro, foi este ano assinalado por um acontecimento notável de inusitado brilho e inédito no distrito:—o grandioso cortelo folclórico, etnografico e de trabalho realisado no preterito domingo, que constituiu, alem de um espectaculo deslumbrante, pela magnificencia e pelo colorido, um documentario precioso dos formosissimos trajes regionais e tradicionais dos dezanove concelhos que compõem este distrito.

. . . .

O cortejo folclórico, etnográfico e de trabalho do distrito de Aveiro, que encerrou com brilho, a historica Feira de Março, foi, sem duvida um acontecimento de rara imponencia, que despertou vivo entusiasmo e interesse em todos os que o presenciaram e que juntou em Aveiro para cima de trinta mil pessoas.

Música no Jardim

—x—

A Banda Regimental executa ámanhã, das 14,30 ás 16,30 h., o seguinte programa:

I PARTE

Sporting.........	P. D.—P. dos Santos
La Part de diable...	Ouv.—Hubert
Festa di Nozze.....	Fantasia—Manet
Les Erinnys.......	Divertimento—Massenet

II PARTE

Miss Diabo.......	Operêta—Figueiredo
Malaguenha.......	P. D.—Pascoal

Ruínas

—o—

Ao meio da Rua Manuel Firmino existe um casarão velho e carcomido, que era uma obra de misericórdia ser reconstruido, e quási ao fim vêem-se as paredes dum outro prédio que se lhe não acudirem estão sujeitas a desmoronar-se.

Também na Rua do Gravito existem outras a pedir camartelo assim como aquela *muralha* que até causa horror.

Mas quando será isso, quando?

BENEMERENCIA

Tendo passado na terça-feira mais um aniversário sobre o falecimento da sr.ª D. Laura Marinho Ribeiro de Almeida, recebemos do nosso amigo e conceituado ourives sr. Francisco Pinto de Almeida, com quem esteve casada, a quantia de 100$00 destinada aos pobres protegidos por êste jornal, sendo contemplados os seguintes:

Adão Raposo, R. da Corredoura; Zulmira Ramusga, R. de Sá; José Maria Cabana, Ilha do Ribeiro e duas envergonhadas, com 10$00 cada.

Norberta Rosa, R. do Vento; Glória Pimentel, R. das Olarias; Angelina Galega, R. da Fonte Nova; Maria Marques, L. da Alegria; Leontina Rosa, Canal de S. Roque; Maria Emilia Marques, R. de S. Sebastião; Maria dos Anjos, R. do Gravito; Luisa Peixinho, R. da Granja; Conceição Tainha, R. da Corredoura e Adelaide Vilaça, R. de S. Martinho, com 5$00.

Ao sr. Francisco Pinto de Almeida aqui deixamos expresso o nosso reconhecimento por se não esquecer dos desprotegidos da sorte,

Correspondencias

Costa do Valado, 18

Acaba de se estender ao Ramal a iluminação pública desta localidade, constando-nos que dentro em breve será também inaugurada noutras artérias.

—Depois de prolongado sofrimento faleceu a esposa do sr. João de Lemos, cujo cadaver foi a enterrar no cemitério da Oliveirinha com grande acompanhamento.

Era sogra da professora sr.ª D. Idalinda Dias a quem apresentamos sentimentos bem como à restante família enlutada.

—Embarcou para a América do Norte a esposa do sr. Manuel Martins, que para ali partiu há meses.

—Teem aqui passado hoje bastantes automoveis com famílias em direcção ao Buçaco.

E' a velha usança do dia da Espiga a atrair à magestosa mata os que sabem gosar e divertir-se.

—A carne de vaca baixou mais de preço no talho do nosso amigo Joaquim Bela, que deste modo tem visto aumentar extraordinariamente a sua freguesia.

—Em virtude de entrar de licença a manipuladora auxiliar, sr.ª D. Assunção Andias, encontra-se a chefiar a nossa estação telégrafo postal a sua colega de Ílhavo, D. Maria da Rocha Ratola.

C.

Vagos, 14

Os larapios roubaram da casa dos cantoneiros roupas no valor de alguns escudos.

—A ciganagem anda desenfreada nesta vila, pelo que todos os cuidados com tal gente são ainda poucos.

—Começaram a aparecer os primeiros excursionistas, vindo já a maior parte pela estrada da Figueira.

—As batatas subiram de preço e isso não está certo.

—A Rua da Bôa Vista esteve tres noites ás escuras.

Quem terá tanto horror à luz?...

C.

Mamodeiro, 17

Ontem, pelas 20 horas, quando o estimado proprietário João Fernandes Dias, mais conhecido por *João da Estrada*, se dirigia para Fermentelos, montado em bicicleta, ao descer a chamada ladeira da Bica e devido a qualquer perturbação repentina, não fêz a curva, indo de encontro a uma parede onde bateu violentamente com a cabeça e fracturou o crâneo à'ém de receber outros ferimentos que lhe causaram a morte quási repentina.

Acudiu gente; chegou a comparecer o médico Angelo Graça; veio de Aveiro a auto-maca dos Bombeiros Voluntários para o conduzir ao hospital, mas de nada valeu tudo isso porque quando chegou a casa já era cadáver.

O infortunado lavrador, que contava 56 anos, deixa viuva com uma filhinha de pouca idade. Era muito bondoso e respeitador, gosando na frèguezia de gerais simpatias. O entêrro realizou-se hoje de tarde para o cemitério da Barroca e foi dos maiores que aqui temos visto. Encorporou-se também a música nova de Fermentelos, que tocou uma marcha fúnebre durante o percurso.

Lamentando o triste acontecimento, enviamos sentidos pêsames a tôda a família.

—Tem passado ùltimamente algo adoentado o nosso amigo Miguel Magalhãis.

Fazemos votos pelo seu breve restabelecimento.

C.

Trincheira dum crente

Comentários

A data de 27 de Abril de 1928 foi uma data definitiva para o Estado Novo. A entrada de Salazar para a pasta das Finanças e mais tarde para a presidencia do Ministério, é que deu sentido construtivo à revolução nacional de 28 de Maio.

Foi um momento político rigorosamente psicologico. Em 1926 Gomes da Costa, militar de prestígio e com autoridade moral, ergueu a bandeira da revolução do interesse nacional contra os partidos. Foi o gesto necessário, mas meramente militar.

Salazar equilibrando as finanças, iniciou a revolução da ordem e conquistou a confiança do país. Mais tarde, em 1930, na Sala do Risco, outorgou-lhe o pensamento doutrinaria indispensavel, começando a era do construção política, social e económica.

A data de 27 de Abril, é, por isso, uma data eminente e característica na marcha da revolução nacionalista.

* * *

Antigamente o 1.º de Maio comemorava o doutrinarismo socialista dissolvente e desagregador. O 1.º de Maio nô conceito falsamente revolucionario do socialismo e do anarquismo, era um grito de guerra. Prègava a de traição das classes sociais, combatia a realidade historica que se chama pátria e negava a existência de Deus e a necessidade dos valores religiosos e espirituais.

O 1.º de Maio era com propriedade a expressão simbólica e popular da filosofia materialista. O materialismo compreende sòmente metade da vida. Tudo o que é material lhe pertence. Mas falta-lhe o que é moral e espiritual, que é a outra face da vida, da natureza, da realidade e da história. O materialismo é, portanto, uma filosofia incompleta, pois não possui a visão ampla e total dos problemas humanos.

Por ser unilateral é que vê mal e insuficientemente as grândes questões humanas: é que erra; é que ha-de errar sempre.

O espírito crítico, a luz interior da rectificação crítica, trabalha permanentemente a inteligência do homem! E' a sua salvação e é a morte de todas as teorias, que não tenham em conta as realidades humanas e espirituais.

Um novo conceito de trabalho surgiu e o velho espirito do 1.º de Maio morreu. A luta de classes e a guerra social foram substituidas pelà cooperação, pela solidariedade e por um laço de amôr entre os homens e as famílias. E' nesta vereda que se prepara e forja o novo mundo. E' o espírito cristão a remeçar as almas e as sociedades.

* * *

Passou há dias mais um aniversário da descoberta do Brasil.

Foi um dos grandes e extraordinarios feitos das descobertas e navegações portuguesas. Dificilmente hoje se pode avaliar o que era na época de quinhentos navegar e vencer os mares. Hoje com os enormes transatlânticos, com todos os instrumentos de navegar e com a posse de todas as defesas da técnica e com o mundo desvendado, ainda o oceano, é um bicho de respeitavel e justificado temor.

Agora figurêmos essas longínquas épocas com cartas e aparelhos de marear ainda insuficientes, em verdadeiras cascas de nós, com o desconhecido a rodear-nos por todos os lados!

Só homens de envergadura física e moral heroicas é que se podiam lançar em cometimentos de tanto risco. O Brasil atesta nitidamente a diferenciação que existe entre hespanhois e portuguêses. Enquanto a colonização hespanhola, na América se subdividiu em numerosas nacionalidades, nós criámos um formidavel império, com uma só ida e fecunda unidade.

Este sentido de unidade racica, é que nos dá, a nós portuguêses, o cunho absolutamente original da nossa individualidade e do nosso caracter.

* * *

Beck, o homem do dia da Polónia e do mundo, interpretando os interêsses do seu povo, fêz o seu anunciado discurso. Discurso sobrio, claro, firme, sem bravatas nem quichotismos. A questão de Dantzig e do célebre corredor foi posta em sobterfugios e com digna lealdade. Pela porta pacífica tudo é possivel solucionar, sem quebra de soberania para a Polónia. Mas Hitler quere integrar completamente Dantzig no Reich. Portanto só um acto de força é que póde resolver a situação. O fecho do discurso de Beck, em que põe em jôgo, o ponto de honra, é de facto nobre, mas os alemães em questões de honra só egoìsticamente conhecem a sua!

J. Carreira

VISITAI O PARQUE DA CIDADE

Tribunal do Trabalho

Tomou posse do lugar de chefe da secretaria o sr. Manuel Moreira de Castro que fazia serviço no Tribunal Judicial como ajudante do cartório do sr. Júlio Cristo.

A' posse assistiram numerosas pessoas e à noite foi-lhe oferecido um jantar num restaurante da cidade.

Falta de luz

Na Rua Direita há bastantes noites que um dos novos candieiros não dá luz.

Que será preciso dizer mais?...

Necrologia

Faleceram: nesta cidade, Leontina Rosa, de 54 anos; Maria Rosa Perpétua, de 96, vitimada por uma hemorragia cerebral, e no *Bonsucesso* Justina de Jesus Génio, de 87.

Eram tôdas viuvas.

Quereis ser feliz?

Habilitai-vos na **Ourivesaria e Relojoaria mista de Manuel da Silva Corado, R. de José Estêvão n.º 22,** que acaba de vender, mais uma vez, a sorte grande, bafejando, assim, alguns lares.

Eis os prémios vendidos em 13 de Maio:

2570	n.º certo ...	400.000$00
1550	» ...	1.200$00
2564	» ...	400$00
6995	» ...	300$00
3427	» ...	200$00
3730	» ...	200$00
7840	» ...	200$00
6887	» ...	200$00
3290	....	500$00
3426	....	300$00
3434	....	300$00
7084	....	300$00
3285	....	300$00
3160	....	200$00
3727	....	200$00
340	....	200$00
337	....	200$00
8047	....	200$00
4227	....	200$00
5040	....	200$00
5127	....	200$00
7050	....	200$00
9167	....	200$00
2300	....	200$00
327	....	200$00

Importante—A título de esclarecimento levamos ao conhecimento do público que os cinco vigésimos premiados na última extração e que tinham o **n.º 2570,** foram vendidos por esta casa por intermédio de José Rodrigues de Castro—o *Maneta.*

Aproveitamos o ensejo para comunicarmos aos nossos fregueses e ao público, em geral, que já temos jôgo para a **Grande Lotaria de Santo António.**

Comarca de Aveiro

—x—

Arrematação

1.ª publicação

Por êste Juizo, segunda secção, primeira vara, e nos autos de carta precatória para arrematação, vinda da comarca de Estarreja, extraída da execução por custas e selos que o Magistrado do Ministério Público move contra os executados João Ferro e mulher, moradores na freguesia de Calvão, concelho de Vagos, vai à praça para ser arrematado por quem maior lanço oferecer acima da sua respectiva avaliação, no dia vinte e oito do corrente mez, pelas doze horas, à porta do Tribunal Judicial desta comarca, sito à Praça da República em Aveiro, o seguinte prédio pertencente e penhorado aos executados:

Uma casa, com terra lavradia, sita em Parada de Baixo, freguesia de Calvão, concelho de Vagos, avaliada em sete mil escudos.

Pelo presente são citados os credores incertos.

Aveiro, 12 de Maio de 1939.

O Chefe de Secção

Carlos Hermenegildo de Sousa

Verifiquei:

O Juiz de Direito da 1.ª Vara

António Ferreira

Comarca de Aveiro

Citação-edital

2.ª publicação

Pela Comissão de Assistencia Judiciaria da comarca de Aveiro, chefe de secção Cristo, correm éditos de 30 dias, a contar da segunda e última publicação deste anúncio, citando António Nunes Tavares de Matos, padeiro, auzente em parte incerta, para no praso de cinco dias, findo que seja o dos éditos, contestar, querendo, o pedido de benefício da concessão da Assistencia Judiciaria requerido por sua mulher Amélia da Conceição de Jesus, doméstica, de Aveiro, para poder intentar acção de divorcio.

Aveiro, 21 de Abril de 1938.

Verifiquei:

O Presidente da Comissão

Fernando Moreira

O Chefe da 1.ª Secção da 1.ª Vara

Júlio Homem de Carvalho Cristo

Horario dos comboios

Da Companhia Portuguesa dos Caminhos de Ferro

Partidas para o norte		Partidas para o sul	
5,41	tram.	7,56	tram. *Fig.*
5,27	correio	9,40	rápido
7,15	tram.	10,59	correio
10,22	»	13,40	tram. *Fig.*
12,56	rápido	16,19	tram.
13,43	tram.	19,29	rápido
16,58	»	21,51	tram.
18,30	correio	0,31	correio
21,09	tram.		
22,27	rápido		

Do Porto chegam tram. às 19,05 e às 20,39, que não seguem.

Linha do Vale do Vouga

Partidas	Chegadas
7,57	10,15
13,45	18,21
18,38	22,54

O Democrata vende-se no *Estanco Flaviense*, Rua dos Mercadores.

Comarca de Aveiro

Arrematação

2.ª publicação

No dia 18 de Junho próximo, pelas 12 horas, à porta do Tribunal Judicial desta comarca e na execução hipotecária em que são exequente Manuel Francisco Atanázio de Carvalho, casado, proprietário, de Requeixo, e executados Dona Maria Rosa Simões, viuva, e seus filhos e nora; Exequias Simões dos Reis e esposa, e Ismael Simões dos Reis, solteiro, maior, proprietários, residentes em Santarem, proceder-se-á à arrematação, em hasta pública, para serem entregues a quem maior lanço oferecer acima das suas respectivas avaliações, dos seguintes bens:

Uma quarta parte de uma casa e quintal, sita no lugar de Taboaço, freguesia de Sôza, desta comarca, avaliada em 2.000$00;

Uma quarta parte de um prédio composto de uma terra lavradia, casa para adega, uma eira e suas pertenças, no lugar de Taboaço, freguesia de Sôza, desta comarca, avaliada em 500$00;

Uma quarta parte de um terreno a vinha, sito nos Aidos da Pereira, limite do referido lugar de Taboaço, avaliada em duzentos e cincoenta escudos (250$00);

Uma quarta parte de um terreno a vinha, sito nos Aidos da Pereira, do mesmo limite do anterior, avaliada em 500$00;

Uma quarta parte de um terreno a pinhal, sito na Carreira, do mesmo limite e freguesia do anterior, avaliada em 100$00;

Uma quarta parte de uma terra lavradia e brejo, do mesmo lugar e freguesia, do anterior, avaliada em 625$00.

Uma quarta parte de uma terra lavradia, sita no Curral Velho, do mesmo limite e freguesia do anterior, avaliada em 235$00;

Uma quarta parte de uma terra lavradia e pinhal, denominada *a da Porta*, dos referidos lugar e freguesia, avaliada em 750$00;

Uma quarta parte de um terreno a pinhal, sita na Palrilha, dos mesmos lugar e freguesia, avaliada em esc. 1.500$00;

Uma quarta parte de um terreno a mato e pouzio, sito no Rêgo, dos referidos lugar e freguesia, avaliada em esc. 750$00;

Uma quarta parte de uma terra lavrada e pinhal, sito nas Caniçadas, dos referidos limites e freguesia, avaliada em 750$00;

Uma quarta parte de um terreno a pinhal, sito no Camarnal, dos referidos lugar e freguesia, avaliada em esc. 200$00;

Uma quarta parte de uma terra lavradia ao fundo das casas, denominada a *Terra da Porta*, dos mesmos lugar e fregnezia, avaliada em 300$00;

Uma quarta parte de um terreno a pinhal, praia e pouzio, sito na Vergeira, dos referidos limite e freguezia, avaliada em 1.250$00;

Uma quarta parte de um terreno a vinha, sito nas Roças, dos referidos limite e freguezia, avaliada em Esc. 100$00;

Uma quarta parte de um pinhal, praia e terra, sita nas Moitas Altas, dos referidos limite e freguezia, avaliada em 150$00;

Uma quarta parte de um terreno a pinhal, sito na Vergeira, dos referidos limite e freguezia, avaliado em 75$00;

Uma oitava parte dum moinho denominado *o da Carrapata*, limite de Riotinto, da referida freguesia, avaliada em 2.000$00;

Uma quarta parte de uma praia de arroz e pinhal, sita na Abrunheira, limite de Riotinto, da mesma freguezia, avaliada em 300$00;

Uuma quarta parte de 15/180 de uma azenha sita no Barreiro, limite de Riotinto, da mesma freguezia, avaliada em 104$00;

Uma quarta parte de um terreno a pinhal e pouzio, sito na Lombada, dos referidos limite e freguesia, avaliada em 100$00;

Uma quarta parte de um terreno a pinhal, sito na Lombada, dos mesmos limite e freguezia, avaliada em duzentos escudos;

Uma oitava parte dum terreno a pinhal, sito no mesmo local da Lombada, avaliada em 55$00.

Por êste meio são citados quaisques credores incertos para assistirem à arrematação e usarem dos seus direitos, querendo, e bem assim os comproprietários Diamantino Simões dos Reis e Casimiro Simões de Oliveira, ausentes em parte incerta do Brasil, Maria de Jesus Crespo e marido António Crespo, ausentes em parte incerta da Africa Portuguesa e os herdeiros incertos dos falecidos comproprietários Rosa Simões dos Reis Malha e marido João Francisco Malha, para assistirem àquela arrematação e usarum dos seus direitos do opção, querendo, nesse acto, e ainda mais os comproprietários Duarte da Conceição e Manuel Martins Espigota Novo, ausentes em parte incerta da América do Norte, para o mesmo fim.

Aveiro, 5 de Maio de 1939.

Verifiquei:

O Juiz de Direito da 1.ª Vara,

António Ferreira

O Chefe da 1.ª Secção,

Júlio Homem de Carvalho Cristo

Comarca de Aveiro

Arrematação

2.ª publicação

No dia 21 do corrente mês de Maio, por 12 horas, à porta do Tribunal Judicial desta comarca, na execução por custas e selos, promovida pelo Ministério Público contra a executada Maria de Jesus, divorciada, doméstica, de Aradas, por apenso à acção de divórcio litigioso movida pelo autor Domingos Ferreira Lavrador, divorciado, agricultor, residente em Santos da República do Brasil, contra a mencionada executada, vai em terceira praça para ser arrematado por quem maior lanço oferecer, o seguinte prédio:

Uma terra lavradia, sita no Queimado, do lugar e freguezia de Aradas, avaliada na quantia de 2.000$00 e entra em praça sem valor.

A sisa e despesas da praça são pagas pelo arrematante nos termos da lei.

Pelo presente são também citados para assistirem à praça quaisquer credores incertos, afim-de usarem dos seus direitss, querendo.

Aveiro, 8 de Maio de 1939.

Verifiquei:

O Juiz de Direito

A. Fontes

O Chefe da 1.ª Secção da 2.ª Vara

António Augusto dos Santos Victor

Comarca de Aveiro

Arrematação

2.ª publicação

No dia 21 do corrente mês de Maio, por 12 horas, à porta do Tribunal Judicial desta comarca, à Praça da Rèpública, na execução por custas e sêlos promovida pelo Ministério Público contra os executados Jassé Rodrigues da Costa e mulher Canstança Martins, do lugar e freguezia da Palhaça, desta comarca, por apenso à acção ordinária civel movida pelo autor José Martins Ribeiro, solteiro, maior, da cidade e comarca de Lisboa, contra os referidos executados, vai em terceira praça para serem arrematados por quem maior lanço oferecer o seguinte:

O direito e acção que os executados têm à herança por seus pais e sogros Carlos Rodrigues da Costa e mulher Mariana Rodrigues de Jesus, que fôram do mesmo lugar e freguezia da Palhaça, direito e acção que corresponde a uma terça parte dos bens do casal ainda indivisos que se compõem dos seguintes prédios:

Um prédio de casas terreas e aido, sito no Arieiro.

Uma terra lavradia, sita no Carvalho, limite do Arieiro.

Um terreno a mato, sito na Fonte da Moura, limite da Chousa.

Um pinhal, sito na Zangarrina, limite do Roque.

Um terreno a mato, sito na Relvadinha, limite do Roque.

Um mato sito na Parrona, limite do Rebolo, e

Um terreno a mato, sito na Picada, limite de Nariz, avaliado o referido direito e acção em 8.660$00 e entra em praça sem valor

A sisa e despesas da praça são pagas pelo arrematante nos termos da lei.

Pelo presente são também citados quaisquer credores incertos para assistirem à praça e usarem de seus direitos, quereudo.

Aveiro, 8 de Maio de 1939.

Verifiquei:

O Juiz de Direito,

A. Fontes

O Chefe da 1.ª Secção

António Augusto dos Santos Victor